

***Instituto Superior de Psicologia Aplicada***



EFEITOS DA PARTILHA DE TAREFAS PARENTAIS NA ANSIEDADE DE  
SEPARAÇÃO MATERNA

**Ana Marques da Silva Dias**

**Nº 12289**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia Educacional

2008

***Instituto Superior de Psicologia Aplicada***

EFEITOS DA PARTILHA DE TAREFAS PARENTAIS NA ANSIEDADE DE  
SEPARAÇÃO MATERNA

**Ana Marques da Silva Dias**

Dissertação orientada por Professora Doutora Manuela Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade em Psicologia Educacional

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Manuela Veríssimo, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES, n.º 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de, neste espaço, agradecer a todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, o meu muito obrigado à Professora Doutora Manuela Veríssimo por toda a sua disponibilidade, paciência e ensinamentos que me disponibilizou quer ao longo deste ano como do ano passado e dos quais pude retirar diversas “lições” que me serão fundamentais para o meu futuro profissional. O meu muito obrigado, também, a todos os membros do núcleo de investigação responsáveis pelo estudo (PTDC/PSI/64149/2006: Relação entre Qualidade da vinculação, Estilos narrativos dos Pais e Modelos Internos Dinâmicos) de onde foram retirados os dados para este trabalho.

Não posso também deixar de agradecer aos meus colegas de seminário que tiveram a oportunidade de acompanhar, mais de perto, a evolução deste estudo e cujas opiniões e “discussões” em grupo me ajudaram imenso.

Por fim, agradeço aos meus amigos e à minha família, em particular ao meu tio, pai e mãe por sempre se interessarem pelo meu percurso académico, por me apoiarem nesta jornada e por nunca terem duvidado que eu conseguiria chegar ao fim. Foram vocês que me deram força para seguir em frente.

Sei que sem o auxílio e apoio de todos vocês teria tido muito mais dificuldade (e muito menos prazer) em concluir este meu trabalho.

A todos o meu muito obrigado

## **RESUMO**

O objectivo deste estudo foi verificar se a partilha de tarefas (Lúdicas e Práticas) entre um casal teria influência quer nos níveis de Ansiedade de Separação Materna como, consequentemente, na adaptação das crianças/filhos ao pré-escolar.

Os dados foram recolhidos por meio de um questionário, referente ao Envolvimento Parental, e foram analisados através de correlações de Pearson.

Numa amostra de 69 díades, onde a idade das crianças varia entre os 29 e os 44 meses, não existe influência entre a Divisão de Tarefas Parentais e os níveis de Ansiedade de Separação Materna. Verificou-se, no entanto, algumas relações entre outras variáveis.

O emprego materno tem influência ao nível da Ansiedade de Separação Materna e as habilitações literárias paternas interferem na partilha de tarefas lúdicas, sendo que estas últimas também apresentam efeitos ao nível da forma como as mães percebem a separação entre elas e os filhos.

A partilha das tarefas praticas está também relacionada com a idade em que a criança entra para a escola.

Palavras-chave: Ansiedade de Separação Materna; Partilha de Tarefas Parentais; Influência

## **ABSTRACT**

The aim of this study was to verify if the Father Involvement in Family Life is reflected in Maternal Separation Anxiety and on the levels of adaptation of children in nursery and kindergarden settings.

A Parental Involvement Questionnaire was used to collected data from a sample of 69 dyads – child/mother and child/father, whose children were between 29 and 44 months of age. Pearson correlations were used.

We find no correlations between Father Involvement in Family Life (the share of parental tasks) and Maternal Separation Anxiety. However, mother's employment is reflected on Maternal Separation Anxiety and father's academic education level influence the share of play tasks on Father Involvement in Family everyday Life.

Another interessant data was find: how old the child is, when begin preschool, the least the father share daily routines in family everyday life.

Key-words: Father Involvement; Maternal Separation Anxiety ; Influence



## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>ANSIEDADE MATERNA</b>	2
Definição de Ansiedade	2
Ansiedade Materna de Separação	3
Implicações nos comportamentos e respectivas repercussões na vinculação e relação estabelecida entre mãe/bebé	4
Relação entre a ansiedade de separação materna e o trabalho fora de casa	5
<b>PARTILHA DE TAREFAS PARENTAIS</b>	8
Características e diferenças Parentais	9
O novo tipo de Parentalidade	9
O envolvimento Paterno	10
Consequências da presença e ausência paterna	12
Relação conjugal e tarefas parentais	14
<b>QUESTÃO</b>	15
<b>MÉTODO</b>	15
Participantes	15
Instrumento	15
Procedimento	15
<b>ANÁLISE DE RESULTADOS</b>	17
<b>DISCUSSÃO</b>	21
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	25

**ÍNDICE DE TABELAS**

<b>TABELA 1:</b> Correlação entre as variáveis <i>Ansiedade de Separação Materna, Percepção dos Efeitos da Separação na Criança e Preocupação Acerca da Separação Provocada pelo Emprego</i>	17
<b>TABELA 2:</b> Correlação entre as variáveis <i>Ansiedade de Separação Materna, Percepção dos Efeitos da Separação na Criança, Preocupações acerca da Separação Provocada pelo Emprego, Partilha de Tarefas Práticas e Partilha de Tarefas Lúdicas</i>	18
<b>TABELA 3:</b> Correlação entre as variáveis <i>Divisão de Tarefas</i> (práticas e lúdicas) e as variáveis demográficas	19

## INTRODUÇÃO

As preocupações maternas ou a ansiedade de separação materna são questões que possuem características complexas, multidimensionais e multideterminadas. Factores como a base estrutural da personalidade, as influências determinadas geneticamente e a “bagagem cultural” de cada mãe contribuem para a forma como cada uma encara a separação entre si e o seu filho.

Durante o séc. XX, com a entrada de um grande número de mulheres para o mercado de trabalho, houve uma grande mudança no quotidiano familiar (Cabrera, Tamis- LeMonda, Lamb & Baller, 1999). Gradualmente começou a ser dada mais atenção às mudanças de comportamento dos pais no que se refere ao seu envolvimento quer a nível da prestação de cuidados diários quer na educação dos seus filhos.

Com este estudo pretende-se analisar os efeitos que a partilha de tarefas entre o casal/pais (Partilha Parental) terá nos níveis de Ansiedade de Separação Materna e, conseqüentemente, na adaptação das crianças/filhos à pré-escola.

Não havendo, ainda, muitos estudos onde se analisem os efeitos que a divisão de tarefas, entre os pais, possa ter ao nível da Ansiedade de Separação Materna e conseqüentemente os efeitos que esta terá na adaptação das crianças, quando se dá a entrada destas num novo ambiente, este estudo pode ter relevância na medida em que pode vir a ajudar a esclarecer e prevenir perturbações que possam, eventualmente, ocorrer em casos de mães mais ansiosas.

Para que se compreendam melhor os conceitos que se irão analisar (Ansiedade de Separação Materna e Partilha de Tarefas Parentais.), de seguida é apresentada uma pequena exposição teórica onde estes serão abordados e esclarecidos.

## ANSIEDADE MATERNA

### **Definição de Ansiedade**

A ansiedade é a emoção relacionada ao comportamento de avaliação de risco que é evocado em situações em que o perigo é incerto (ameaça potencial), seja porque o contexto é novo ou porque o estímulo do perigo (e.g., um predador) esteve presente no passado, (mas não está mais no meio ambiente).

Para que surja ansiedade, é necessário um impulso para se aproximar do estímulo de perigo, gerando um conflito entre aproximação e evitação. (Correia, L., & Linhares, M., 2007)

Os transtornos de ansiedade estão entre os transtornos psiquiátricos mais frequentes na população e os sintomas ansiosos estão entre os mais comuns, podendo ser encontrados em qualquer pessoa em determinados períodos de sua vida.

Entretanto, a ansiedade pode ser patológica quando é desproporcional à situação que a desencadeia, quando não existe um motivo específico para o seu aparecimento, ou ainda, quando é uma resposta inadequada a determinada ameaça, em virtude da sua intensidade ou duração. (Correia, L., & Linhares, M., 2007)

A ansiedade pode ser definida de diferentes formas, tendo em conta o contexto a que nos estamos a referir. Contudo pode dizer-se que esta consiste num afecto característico do Homem através do qual este se adapta a situações de tensão. Apresenta-se sob um sentimento de certa forma incómodo pois transmite a sensação de temor, insegurança e inquietude. Quando se torna persistente, repetitiva, demasiado intensa ou desajustada à situação pode assumir uma função perturbadora (Pestana, A. & Páscoa, A. 1998).

Zahn-Waxler et al., (2002), referem que as **perturbações de ansiedade** são das mais prevalentes no que diz respeito a distúrbios mentais de adultos, sendo das que se espera ter um maior impacto quer a nível da parentalidade quer do funcionamento das crianças. Estes autores salientam ainda que estas perturbações apresentam uma enorme quantidade de variantes, incluindo os ataques de pânico, agorafobia; fobias específicas, fobia social, perturbações obsessivo-compulsiva, perturbação generalizada de ansiedade e stress pós-traumático; mencionam também que estes tipos de perturbações de ansiedade, à semelhança das depressões, ocorrem com mais frequência em mulheres do que em homens, sendo essa uma das razões pelas quais o padrão de transmissão entre mãe-criança acabou por receber maior ênfase e interesse.

Contrariamente à depressão, existem muito poucos estudos acerca da ansiedade materna.

### **Ansiedade Materna de Separação**

Bowlby, (1989) refere que as separações entre mãe-criança são sentidas de forma desagradável pelos dois elementos da díade, uma vez que a manutenção da proximidade é algo que é comum aos dois indivíduos e não somente à criança. Esta constatação está presente na base da maioria dos trabalhos referentes à Ansiedade de Separação Materna.

Os efeitos da Ansiedade de Separação Materna na ansiedade de separação das crianças é algo que pode ser mediado pela sensibilidade materna. (Dallaire, D., & Weinraub, M., 2005)

As preocupações maternas ou a ansiedade de separação materna são questões que possuem características complexas, multidimensionais e multideterminadas. Factores como a base estrutural da personalidade, as influências determinadas geneticamente e a “bagagem cultural” de cada mãe contribuem para a forma como cada uma encara a separação entre si e o seu filho.

A ansiedade de separação materna é definida como um estado de desconforto emocional relacionado com a experiência de separação da criança; Este pode-se manifestar através de expressões de preocupação, tristeza ou culpa (cit. por Hock et al, 1989). Estes autores referem, também, que a Ansiedade de Separação Materna tem uma correlação fraca com a ansiedade geral, o que parece remeter para o facto da Ansiedade de Separação Materna ser algo específico da relação mãe-criança. (Hock, Gnezda & McBride, 1989)

Benedek (1970) (cit. por Hock et al, 1989) verificou que algumas sensações de ansiedade de separação são normais em todas as mães, particularmente quando têm filhos com idades compreendidas entre os 0 e os 6 meses. Muitas mães mais jovens “sentem um vazio quando se separam do seus filhos, mesmo que seja por um curto período de tempo...” (1970, p. 162 cit. por Hock et al, 1989). Sugere também que mães com níveis muito elevados de ansiedade de separação poderão exibir comportamentos super protectores, que poderão ter consequências negativas no desenvolvimento da criança (Hock, Gnezda & McBride, 1989).

Uma mãe que apresente elevados níveis de ansiedade de separação, pode vir a ter dificuldade em se perceber como uma pessoa com necessidades específicas e pode acabar por desenvolver um relacionamento enredado com o seu filho. A não existência de qualquer ansiedade de separação materna reflecte um certo abandono emocional relativamente à criança e impede que a mãe se vincule adequadamente ou emocionalmente ao seu filho.

Níveis moderados de ansiedade de separação materna, representam um funcionamento psicológico saudável por parte das mães e tendem a contribuir para um menor desenvolvimento de relacionamentos disfuncionais. (Lutz & Hock, 2001)

Bowlby (1973) refere que a tendência natural que as mães sentem para proteger os seus filhos, resulta em ansiedade quando a separação entre ambos interfere na forma de providenciarem protecção, segurança e conforto. Benedek (1970) (cit. por McBride, S. & Belsky, J., 1988) referiu que quer excessiva como escassa preocupação e ansiedade de separação (ou seja super protecção ou apatia/afastamento) demonstram perturbações psicológicas maternas e interferem no desenvolvimento da relação mãe/criança.

Zahn-Waxler, Duggal, y Gruber (2002), referem que a ansiedade materna, entendida como uma alteração ou um mal-estar contínuo, coloca as crianças em risco de desenvolverem ansiedade ou outros problemas; contudo nem todos os filhos de mães ansiosas apresentam sintomatologia. (cit. por Garcia, C. & Míguez, M., 2007)

O que alguns estudos mostram é que em crianças cujos pais sofram de um qualquer tipo de perturbação de ansiedade, apresentam, quando comparadas a filhos de pais sem qualquer diagnóstico desta perturbação, uma probabilidade sete vezes superior de evidenciar uma perturbação do mesmo tipo (Turner et al, 1987).

Whaley, Pinto & Sigman, (1999), constataram que mães ansiosas são mais críticas e catastróficas e demonstram menor grau de autonomia, positivismo e afectividade.

As perturbações de ansiedade podem estar também relacionadas com a depressão e com o tipo de vinculação estabelecida.

Em estudos referentes a mães deprimidas surgem, frequentemente, níveis significativos de ansiedade, sendo que o inverso também é verdadeiro (encontram-se níveis significativos de depressão em estudos acerca da ansiedade materna) (Zahn-Waxler, Duggal, y Gruber, 2002).

Manassis et al, (1995) (cit. por Manassis, 2001) encontraram um elevado nível de vinculação insegura (80%) em crianças cujas mães padeciam de perturbações de ansiedade.

### **Implicações nos comportamentos e respectivas repercussões na vinculação e relação estabelecida entre mãe/bebé**

Manassis, (2001), descreve os comportamentos parentais como tendo enorme influência no desenvolvimento de perturbações de ansiedade. Refere que comportamentos parentais mais

sensíveis sugerem uma diminuição no risco de aparecimento de perturbações de ansiedade, pois estes comportamentos têm vindo a estar associados a relações de vinculação segura (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) (cit. por Warren, S. & Simmens, S., 2005);

Pinto, & Sigman, (1999) referem que crianças cujos pais possuem perturbações de ansiedade tendem também a desenvolver mais tarde esse tipo de perturbação e que pais com perturbações de ansiedade tendem a ser menos sensíveis que pais sem esse tipo de perturbação.

Assim, menor sensibilidade parental pode aumentar o risco de perturbações de ansiedade e maior sensibilidade pode diminuir esse mesmo risco, no que se refere à vida futura das crianças.

Manassis, (2001) salienta que pais ansiosos podem potenciar nos seus filhos o risco de perturbações de ansiedade:

- Tendo dificuldade em modelar estratégias apropriadas para suporte dos seus filhos (“*copping*”);
- Reagindo negativamente aos medos dos seus filhos pois estes representam aspectos deles próprios que eles querem negar a todo o custo;
- Tornando-se excessivamente preocupados acerca da ansiedade dos seus filhos, o que resulta em super-protecção e que acaba por reduzir as oportunidades de dessensibilização (que se torne menos ansiosa).

### **Relação entre a ansiedade de separação materna e o trabalho fora de casa**

DeMeis et al., 1986 e Hock & DeMeis, (1990) também definem ansiedade de separação materna como um estado emocional desagradável relacionado com a experiência de separação mãe-criança. Referem que este pode ser evidenciado, por parte da mãe, por sentimentos de perda, tristeza ou culpa. A ansiedade de separação materna é uma dimensão única da personalidade materna e está também relacionada com alguns aspectos relativos ao emprego (vontade de se empregar, status profissional e aspirações de carreira).

Os mesmos autores sugerem ainda, que a ansiedade de separação materna poderá ser um importante mediador entre o trabalho e o desenvolvimento social da criança e que imediatamente após o nascimento dos seus filhos, praticamente todas as mulheres

experimentam alguma ansiedade perante o conflito entre optar pelas carreiras profissionais ou pela maternidade.

No estudo de DeMeis et al., (1986) chega-se à conclusão de que, como grupo, as mães empregadas manifestam menores níveis de ansiedade relacionados com os empregos. Já nos estudos de Barglow, Vaughn, & Molitor, (1987); Belsky & Rovine, (1988); Jacobson & Wille. (1984), constata-se que este mesmo grupo de mães tem maior tendência para ter filhos com vinculação insegura a elas.

Belsky & Rovine, (1988), observaram que crianças cujas mães estão empregadas a tempo inteiro (mais de 35h por semana) tendem a ser mais vezes classificadas, quando comparadas a outras crianças, como tendo uma vinculação de tipo insegura ao pai. E crianças que tenham por semana mais de 20 horas de falta de cuidados maternos, tendem a apresentar um tipo de vinculação de carácter mais inseguro (do que seguro) a ambos os pais.

No seu estudo, Barglow, Vaughn, & Molitor, (1987), referem que a maior parte das mães, do grupo das que estavam empregadas, expressaram satisfação com a qualidade das respostas comportamentais provenientes dos seus filhos.

Estes mesmos autores, baseando-se nos seus resultados sugerem que o facto de haver separações diárias entre mães (devido aos empregos a tempo inteiro) e os seus filhos, durante (pelo menos) os últimos 4 meses do primeiro ano de vida destes, potenciam significativamente o estabelecimento de uma relação de vinculação o tipo insegura/evitante. Observam, ainda, diferenças significativas quanto ao grau de segurança (seguro vs inseguro) entre mães que estão em casa e mães que estão a trabalhar.

Outros estudos (Stifter et al, 1993 cit. por Veríssimo et al, 2003) verificaram que mães empregadas com uma elevada ansiedade de separação eram também mais intrusivas quando comparadas às mães empregadas que apresentaram um nível de ansiedade mais reduzido.

Stifer, Coulehan e Fish (1993) sugerem que mães altamente ansiosas, apesar de sensíveis, podem procurar compensar as suas ausências (devido ao emprego) tentando controlar a interacção, em vez de seguirem os sinais das crianças, o seu ritmo e interesses, sobretudo nas crianças mais velhas. Este aspecto teria como consequência o desenvolvimento de relações de vinculação inseguras.

DeMeis, McBride, & Hock, (1986), contrariam a hipótese de que o trabalho materno influencia negativamente o desenvolvimento da criança. Estes autores defendem que não é o trabalho materno que exerce tal influência mas sim os sentimentos maternos face ao trabalho e as crenças acerca dos efeitos que a separação materna (motivada pelo trabalho) poderá ter na criança.

Tais factores parecem, então, influenciar de um modo significativo a intensidade da ansiedade de separação materna, bem como a adaptação psicossocial da criança. (Veríssimo et al, 2003)

Schubert, Bradley-Johnson, & Nuttal, (1980), (entre outros) analisaram a influência exercida pelo emprego na sensibilidade materna e nos comportamentos de interação entre mãe-criança. Os resultados mostram que embora mães empregadas tenham menos tempo para passar com os seus filhos, não são menos sensíveis às necessidades destes comparativamente a outras mães.

No seu estudo Schubert et al, (1980), utilizou a observação directa para analisar os padrões de comunicação (maior ou menor número de vocalizações, etc.) estabelecidos entre as mães (empregadas ou não) e os respectivos filhos. Para isso filmaram-se 12 minutos de jogo livre entre mãe e filho.

Puderam constatar o seguinte:

- Mães empregadas vocalizaram, significativamente, mais durante os primeiros 8 minutos, comparativamente às mães não empregadas que preferiram não trabalhar.
- Durante os primeiros 4 minutos mães empregadas demonstraram mais vezes comportamentos emocionais positivos com os seus filhos do que as mães não empregadas que preferiram não trabalhar.
- Tanto as mães empregadas como as mães não empregadas (que preferiam trabalhar) olharam mais para os filhos durante os primeiros 8 minutos do que as mães não empregadas que preferiram não trabalhar
- Durante os primeiros 4 minutos, filhos das mães empregadas (que preferem não trabalhar) demonstraram vocalizar mais e olhar mais para estas do que os filhos dos outros dois grupos.

- o Uma diferença interessante durante os primeiros minutos da sessão de brincadeira foi o facto dos filhos de mães não empregadas (que preferem não trabalhar), iniciarem mais vezes as interações do que os filhos das mães empregadas.

Se a mãe acredita que apenas ela pode providenciar os cuidados necessários ao seu filho e acabar por se sentir culpada devido ao facto de se ter de afastar do seu filho, então possivelmente optará por ficar em casa com este. Por outro lado se esta mesma mãe tiver de se empregar fora de casa, os seus sentimentos e crenças estarão em conflito com a sua condição de trabalho. Este conflito poderá influenciar o comportamento dela relativamente ao seu filho. (Stifter, Coulehan & Fish, 1993).

DeMeis, Hock & McBride, (1986), referem que mães que estão empregadas mas que preferiam ficar em casa, apresentam elevados níveis de ansiedade que se mantêm ao longo do primeiro ano de vida dos seus filhos.

Até aqui foram descritos e analisados os factores que, relacionados com o emprego materno, podem influenciar quer os níveis de ansiedade de separação, quer a qualidade da vinculação estabelecida entre mãe/criança.

De facto, nada modificou mais a vida das famílias no séc. XX do que o grande aumento na integração das mulheres/mães no mundo do trabalho (Cabrera, Tamis- LeMonda, Lamb & Baller, 1999). A partir desse momento algumas mudanças tiveram de se dar no que se refere à prestação de cuidados às crianças. As mães passaram a estar menos tempo em casa e consequentemente foram tendo maior necessidade de terceiros para ajudar na prestação de cuidados aos seus filhos.

Assim, com a participação materna no trabalho fora de casa, passou-se a colocar a questão no que os pais podem fazer para ajudar as mães a tratar dos filhos (Cabrera, Tamis- LeMonda, Lamb & Baller, 1999).

### **PARTILHA DE TAREFAS PARENTAIS**

A figura paterna sempre foi encarada como sendo aquela que estando responsável por trabalhar, sustentando monetariamente a família, pouco participava nas tarefas domésticas e na prestação de cuidados aos filhos.

No decorrer das últimas décadas deram-se grandes transformações tanto a nível cultural como económico e, consequentemente, as tarefas parentais foram sendo encaradas, gradualmente, sob outro ponto de vista (Cabrera, Tamis- LeMonda, Lamb & Baller, 1999).

## **Características e diferenças Parentais**

Estudos (Hipgrave, 1982; Levine, 1976; Russel, 1982, 1983 cit. por Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb & Baller, 1999), mostram que no período em que as crianças são recém-nascidas não existem diferenças, ao nível do desempenho de competências, entre mãe e pai. Ambos desempenham as suas funções ou igualmente bem ou menos bem.

As competências parentais vão sendo adquiridas através da prática, por ambos os progenitores. O que acaba por acontecer, contudo, é que as mães tendem a “praticar” mais estas funções do que os pais. Consequentemente as mães acabam por se tornar mais sensíveis aos seus filhos e mais atentas às características individuais e necessidades destes. Paralelamente os pais acabam por se tornar menos sensíveis aos seus filhos o que faz com que sintam uma menor confiança nas suas capacidades parentais.

Como resultado, as diferenças entre mães e pais acabam por ficar cada vez mais marcadas com o passar do tempo mas, no entanto, não são irreversíveis.

Quando os pais ficam responsáveis pelos cuidados primários dos filhos, (devido ao desemprego, pela perda da parceira ou porque escolheram reivindicar os seus direitos e a sua relação com os filhos), são perfeitamente capazes de adquirir as competências necessárias (Lamb, 1987).

A maioria dos pais não tem noção de que no início grande parte das mães, com os primeiros filhos, também são tão incompetentes e assustadas com a prestação de cuidados como eles estão/são. A diferença é que das mulheres é esperado que saibam como desempenhar estas funções.

O que acaba por acontecer, na maioria dos casos, é que os pais acabam por nunca se envolver da mesma forma, que as suas mulheres, nos cuidados das crianças, assim sendo as diferenças entre pais e mães tendem a permanecer (Lamb, 1987).

## **O novo tipo de Parentalidade**

Recentemente, tem vindo a ser dada cada vez mais atenção às mudanças de comportamento dos pais no que se refere ao seu envolvimento a nível da prestação de cuidados diários e educação dos seus filhos.

Diversos estudos abordam duas questões, a quantidade de tempo que os pais despendem com os seus filhos e o tipo de actividades que realizam durante esse tempo (Lamb, 1987).

Lamb (1987) distingue 3 componentes do envolvimento parental:

1º(mais restrito): Refere-se ao tempo despendido na interacção de um para um (pai vs criança) (alimentá-la; ajudá-la com o trabalho de casa; brincar no jardim...)

2º: Refere-se às actividades que necessitam de um grau de interacção menos intenso. Por exemplo o pai estar na cozinha a realizar uma tarefa e a criança estar na sala ao lado a brincar ou a criança estar a brincar ao pé do pai, na cozinha, enquanto este prepara, por exemplo, uma refeição.

3º (e mais difícil de definir): Tem a ver com o grau de responsabilidade que o pai tem pela criança. Esta responsabilidade refere-se ao bem-estar e ao cuidado e pode ser ilustrada considerando a diferença entre ser responsável pelos cuidados da criança ou apenas estar disponível para ajudar quando é necessário. Respectivamente envolve o saber quando a criança necessita de ir ao pediatra; marcar as consultas e assegurar que alguém leva a criança; garantir que alguém cuida da criança; que a criança tem roupas para vestir...

É bastante difícil quantificar o tempo despendido com responsabilidade parental, particularmente porque questões como a ansiedade, preocupação, etc., que comprometem esta responsabilidade, ocorrem frequentemente quando os pais estão a realizar outro tipo de tarefas (Lamb, 1987).

Considerando o envolvimento dos pais em famílias cujas mães não estão empregadas, estudos mostram que nestas famílias os pais despendem 20 a 25% do mesmo tempo que as mães na interacção directa ou compromisso com os filhos e gastam cerca de três vezes mais tempo do que as mães no estar acessíveis aos filhos. A maior discrepância entre o envolvimento paterno e materno refere-se à área da responsabilidade. Muitos estudos referem que os pais não assumem responsabilidade (como aqui aparece definida) pelos cuidados de educação das crianças (Lamb, 1987).

### **O envolvimento Paterno**

O envolvimento Paterno é multidimensional, e está continuamente associado ao nível de escolaridade e ao envolvimento cultural.

Os ideais culturais da paternidade têm evoluído com o passar do tempo (Pleck, 1997 cit. por Cabrera et. al, 1999). Muito do que se sabe acerca da parentalidade (particularmente o que se pensa ser boa parentalidade) provém de estudos e teorias desenvolvidas tendo como modelo a mãe.

O investimento feito pelos pais para que se estabeleça uma vinculação e para providenciar recursos para os filhos está associado com o bem-estar, desenvolvimento cognitivo e competência social das crianças (Cabrera et. al, 2000).

Segundo Lamb et. al. (1987) existem 4 factores cruciais para que se entendam as variações nos graus de envolvimento parental, sendo eles:

### *1º Motivação*

Até onde é que o pai quer estar envolvido...

Dados sugerem que 40% dos pais gostariam de passar mais tempo com os seus filhos (do que aquele que passam) (Qinn & Staring, 1979, cit. por Lamb, 1987). Isto implica que, se por um lado, um número considerável de homens está motivado para estar mais envolvido com os seus filhos, por outro os mesmos dados sugerem que mais de metade dos pais não quer passar mais tempo com os seus filhos, para além do que já passam.

### *2º Competências e Auto-Confiança*

A melhor forma de fazer com que os homens se comecem a envolver mais com os seus filhos é encoraja-los a fazerem actividades que gostem de realizar juntos.

Uma vez que os pais constatem que os seus filhos se estão mesmo a divertir, que gostam realmente deles, são capazes de expandir a quantidade das actividades e contextos em que acabam por funcionar juntos.

Para além da auto-confiança, a sensibilidade também é crucial (Lamb, 1980 cit. por Lamb 1987). A sensibilidade envolve ser capaz de compreender os sinais das crianças, conhecer o que ele/ela quer, saber responder adequadamente, saber quais as expectativas que são mais realistas, etc.

### *3º Suporte*

O terceiro factor que influencia o envolvimento paterno é o suporte – especialmente aquele que está relacionado à família e às mães. Os mesmos dados que mostram uma maioria de homens que esperam estar mais envolvidos com os filhos, mostram também que cerca de 60 a 80% das mulheres não querem que os maridos se envolvam mais do que já estão (J. H. Pleck, 1982; Quinn & Staines, 1979, cit. por Lamb 1987). Isto sugere que embora as mães possam gostar que os maridos participem mais, uma maioria considerável está satisfeita com a situação.

#### *4º Práticas Institucionais*

O último factor refere-se aos compromissos ligados às práticas institucionais. A necessidade que as famílias têm de um suporte económico e as barreiras impostas pelos locais de trabalho são das razões mais dadas pelos pais para explicar o baixo envolvimento paterno (e. g., Yankolovitch, 1974, cit. por Lamb, 1987).

Esta é claramente uma questão importante para muitos homens, e a sua importância irá permanecer enquanto estes forem alvos da expectativa de que têm de ser os principais responsáveis pelo sustento económico das famílias.

#### **Consequências da presença e ausência paterna**

Pais que estão melhor remunerados tendem a passar menos tempo com os seus filhos (Levy-Shiff & Irraelashuili, 1988; Volling & Belsky, 1999, cit por Cabrera et. al, 1999), no entanto estes tendem a estar mais positivamente envolvidos com os seus filhos do que pais com baixo nível socioeconómico (Eastbrooks & Goldberg, 1984 cit por Cabrera et. al, 1999).

Rapazes que crescem sem a presença do pai parecem apresentar maior propensão para exibir perturbações nas áreas correspondentes à identificação do género, desenvolvimento, desempenho escolar, ajustamento psicossocial e auto-control (Hetherington & Stanley-Hagan, 1986 cit por Cabrera et. al, 1999). As raparigas também são afectadas, pela ausência paterna, embora os efeitos nestas possam ser menos duradouros, dramáticos e consistentes.

De acordo com Cabrera et. al, (2000), existem 5 áreas onde a ausência paterna pode ter influencia nas crianças/filhos:

- 1) Sem a presença do pai não há partilha parental;
- 2) Normalmente mães solteiras apresentam uma situação económica mais fragilizada (McLanahan & Sandefur, 1994; Pearson & Thoennes, 1988 cit. por Cabrera, 2000) e a esta situação económica pode estar também associada uma educação e performance social mais humilde;
- 3) O facto de socialmente ainda se reprovarem as mães solteiras e divorciadas, pode gerar algum mau estar emocional e uma menor adaptação funcional (Mcloyd, 1998);

- 4) O facto de as crianças se aperceberem da ausência permanente de um dos pais (que pode ter como origem o abandono do lar) pode gerar-lhes alguma angústia psicológica;
- 5) A existência de conflitos entre os pais pode provocar sérios danos no bem-estar sócio-emocional das crianças (Fincham, 1998).

Pais têm vindo a ser vistos como importantes companheiros (principalmente de brincadeira), potenciando o desenvolvimento, controlo e regulação emocional das crianças/filhos (Gottman, Katz, & Hooven, 1997 cit por Cabrera et. al, 1999).

Estudos exploram também as mudanças no envolvimento parental relacionadas com a idade da criança (J. H. Pleck, 1983 cit. por Lamb, 1987), e também em relação ao género.(Lamb, 1987)

Pais despendiam maior quantidade de tempo na prestação de cuidados das crianças quando estas eram mais novas. Apesar de poderem ter mais informações sobre as crianças mais velhas, os pais, não demonstram despende mais tempo com os filhos mais velhos.

Em parte esta questão pode ocorrer porque as crianças mais velhas deixam de querer interagir tanto com os pais, começando a preferir as interações com o grupo de pares ou semelhantes (Lamb, 1987).

Durante a idade escolar o envolvimento paterno (quer de pais solteiros quer em famílias com pais casados) está associado a uma boa aquisição escolar e ao gosto pela escola (por parte das crianças) (Nord, Brindall & West, 1997 cit por Cabrera et. al, 1999).

Lamb (1987) refere que os pais mostram um maior interesse no envolvimento com os seus filhos do que com as suas filhas. Tendem a despende mais tempo com rapazes do que com raparigas, independentemente da idade das crianças.

Devido a características biológicas e sociais, os pais, tendem a apresentar uma predisposição para reforçar as características masculinas, acabam por lidar com os filhos de forma diferente das mães. Por exemplo os pais apresentam uma maior tendência para encorajar os filhos a serem competitivos, independentes e aprenderem a desafiar os perigos (Cabrera et. al, 2000).

Para além destas variações ligadas à idade e ao género, não há variações consistentes relacionadas nem com a etnia nem com a religião (J. H. Pleck, 1983 cit. por Lamb, 1987).

Crianças com níveis elevados de envolvimento com os pais são caracterizadas como apresentando um elevado nível de competências cognitivas, ao nível da empatia, têm menos

crenças a nível dos estereótipos relacionados ao sexo e tem mais auto-controlo (Pruett, 1983, Radin, 1982; Radin & Sagi, 1982; Sagi, 1982, cit. por Lamb, 1987).

Estes resultados referem-se ao envolvimento paterno de pais que querem esta situação (que querem estar fortemente ligados aos seus filhos). Estes resultados seriam certamente diferentes se os pais estivessem forçados a estar envolvidos com os seus filhos por uma qualquer razão.

Considera-se que os efeitos do envolvimento paterno pode, em muitos casos, estar mais relacionado com o contexto que envolve o pai do que com o envolvimento do pai isoladamente. O mais importante não é quem está em casa mas o como a pessoa se sente por estar em casa, pois os seus sentimentos acerca da situação influenciam a forma como se vai relacionar com a criança (Lamb, 1987).

### **Relação conjugal e tarefas parentais**

Pode-se dizer que existe uma relação directa entre o tipo de relação conjugal estabelecida, entre o casal, e as características da parentalidade.

Existe um enorme suporte empírico para o facto de a harmonia matrimonial estar associada à qualidade das relações entre pais e filhos e ao ajustamento destes últimos (Gable, Crnic, & Belsky, 1992). O contrário também é verdadeiro, elevados níveis de conflito entre o casal provocam uma baixa qualidade nas relações entre pais e filhos o que tem efeitos negativos na criança.

Pais que se sentem bem com a sua relação conjugal, com os seus objectivos individuais e com os cuidados prestados aos filhos, estão numa posição mais favorável para “enfrentar” os desafios referentes à parentalidade (Herzog, Golberg, Michaels, & Lamb, 1985).

É fundamental poder conhecer e analisar as características da partilha de tarefas parentais, entre o casal, pois através destas informações poder-se-à saber quais são algumas das características e consequências das mesmas.

Todas estas informações têm grande importância na medida que nos permitem aceder às causas de determinados comportamentos e desenvolvimento nas crianças.

Face à necessidade de investigação das questões relacionadas com a Ansiedade de Separação Materna e com a adaptação das crianças à creche e tendo em conta a revisão de literatura efectuada, torna-se pertinente colocar a seguinte questão de investigação:

## QUESTÃO

**Em casais onde existe uma maior partilha de tarefas (lúdicas ou práticas), a Ansiedade de Separação Materna é menor, com melhor adaptação das crianças à creche?**

## MÉTODO

### **PARTICIPANTES**

Os participantes deste estudo, bem como a recolha de dados, pertencem a um projecto (PTDC/PSI/64149/2006: **Relação entre Qualidade da vinculação, Estilos narrativos dos Pais e Modelos Internos Dinâmicos**) de um dos núcleos de investigação do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), coordenado pela Professora Doutora Manuela Veríssimo.

Os participantes são 69 díades mãe/criança e pai/criança. À data da recolha de dados as crianças tinham idades compreendidas entre os 29 e os 44 meses ( $M= 32.26$ ,  $DP= 3,03$ ). As idades de entrada na Creche/Jardim-de-Infância variam entre os 3 e os 30 meses ( $M= 8.95$ ,  $DP= 7,12$ ). As crianças passam na creche entre 2 a 10 horas/dia ( $M= 7.49$ ,  $DP= 1.69$ ).

As mães tinham idades entre os 26 e 48 anos ( $M= 34.99$ ,  $DP= 4.18$ ) e os pais entre 28 e os 63 anos ( $M= 37.55$ ,  $DP= 6.08$ ). As habilitações literárias das mães variam entre os 7 e os 23 anos de escolaridade ( $M= 15.39$ ,  $DP= 3.18$ ) e as dos pais entre os 7 e os 23 anos ( $M= 14.74$ ,  $DP= 3.10$ ). As famílias participantes foram recrutadas para o projecto através das Creches/Jardins-de-infância de ensino particular que as crianças frequentam, sendo o seu nível socio-económico considerado médio/médio alto.

### **INSTRUMENTO**

- *Envolvimento parental*

De acordo com Monteiro, L. (2007), o envolvimento parental é avaliado como a participação na organização e realização de diferentes actividades, relacionadas com as crianças, que ocorrem no contexto das vivências familiares. O questionário, elaborado por Monteiro e Veríssimo (Monteiro *et al.*, 2006), é constituído por 17 itens, organizados em duas dimensões: Actividades Práticas, composta por 11 itens (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17), relacionados

com a organização e realização de cuidados à criança (e.g., “Quem fica em casa quando o seu filho está doente” ou “Quem dá banho ao seu filho”). A dimensão das Actividades Lúdicas é composta por 6 itens (8, 9, 10, 11, 12, 13), relacionados com a brincadeira e o lazer (e.g., “Quem lê histórias ao seu filho” ou “Quem leva o seu filho ao parque infantil”). O Alfa de *Cronbach* para as Actividades Práticas, na perspectiva das mães é de .68 e, na dos pais de .70; para as Actividades Lúdicas, os Alfas são .84 e .70, para mães e pais, respectivamente. Estes valores indicam níveis de fiabilidade aceitáveis, e encontram-se dentro dos valores apresentados (cit. por Monteiro *et al.* (2006)).

O envolvimento é avaliado numa perspectiva relativa, ou seja, como é que as actividades são divididas ou partilhadas em relação à outra figura parental. É pedido aos pais que respondam a cada item numa escala de 5 pontos: Sempre a mãe (1); Quase sempre a mãe (2); Tanto a mãe como o pai (3); Quase sempre o pai (4); Sempre o pai (5), apenas para a criança alvo e não para todas as crianças do agregado familiar. Os valores mais elevados representam uma maior participação do pai.

Embora tivesse sido pedido aos pais que indicassem o tempo passado nas actividades de organização/cuidados e de brincadeira/lazer com os filhos, (durante a semana e no fim-de-semana) alguns pais não responderam, outros indicaram tempo em comum com os dois tipos de actividades, pelo que se considerou esta informação pouco fiável, não sendo por isso incluída nas análises realizadas. (Monteiro, L., 2007)

## **PROCEDIMENTO**

### *Envolvimento parental*

Os questionários foram entregues a mães e pais, em dois momentos distintos, e preenchidos separadamente por estes, tendo sido devolvidos aos investigadores que realizaram as observações do *AQS (Attachment Behavior Q-Set)* e, ocasionalmente, às educadoras das salas que as crianças frequentavam (cit. por Monteiro, L., 2007).

## ANÁLISE DE RESULTADOS

Quando consideramos as variáveis demográficas (idade da mãe, habilitações literárias da mãe, número de horas que a criança passa na creche e idade em que entrou para a creche) e as variáveis *Ansiedade de Separação Materna* e *Segurança* verificamos que não existem correlações entre elas.

Tabela 1

Correlação entre as variáveis *Ansiedade de Separação Materna*, *Percepção dos Efeitos da Separação na Criança* e *Preocupação Acerca da Separação Provocada pelo Emprego*

	Ansiedade de Separação Materna	Percepção Efeitos Criança	Preocupação Separação Emprego
Ansiedade de Separação Materna	-	-,11	,29(*)
Percepção Efeitos Separação na Criança	-,11	-	,00
Preocupações da Separação Provocada pelo Emprego	,29	,00	-

\*  $p < .05$

Quando correlacionadas as variáveis *Ansiedade de Separação Materna*, *Percepção dos Efeitos da Separação na Criança* e *Preocupação Acerca da Separação Provocada pelo Emprego*, verifica-se uma correlação positiva ( $r = .29$ ,  $p < .05$ ) entre as variáveis *Ansiedade de Separação Materna* e *Preocupação Acerca da Separação Provocada pelo Emprego*. Assim sendo, mães que apresentam maior *Ansiedade de Separação*, manifestam também maiores níveis de preocupação relativamente à causa desta separação, nomeadamente o facto desta ter como origem o emprego fora de casa (Tabela 1).

Tabela 2

Correlação entre as variáveis *Ansiedade de Separação Materna*, *Percepção dos Efeitos da Separação na Criança*, *Preocupações acerca da Separação Provocada pelo Emprego*, *Partilha de Tarefas Práticas e Partilha de Tarefas Lúdicas*

	A. Separação	P. Efeitos Separação/Criança	Preocupações Emprego	D. Tarefas Práticas	D. Tarefas Lúdicas
Ansiedade de Separação Materna	-	-,11	<b>,29(*)</b>	-,22	,12
Percepção Efeitos Separação na Criança	-,11	-	,01	,16	<b>,29 (*)</b>
Preocupações da Separação Provocada pelo Emprego	<b>,29 (*)</b>	,00	-	-,05	-,03
Divisão Tarefas Práticas	-,22	,16	-,05	-	<b>,52 (**)</b>
Divisão Tarefas Lúdicas	,11	<b>,29 (*)</b>	-,03	<b>,52 (**)</b>	-

\*  $p < .05$

\*\*  $p < .01$

Quando correlacionadas as variáveis *Ansiedade de Separação Materna*, *Percepção dos Efeitos da Separação na Criança*, *Preocupações acerca da Separação Provocada pelo Emprego*, *Partilha de Tarefas Práticas e Partilha de Tarefas Lúdicas*, verifica-se uma correlação positiva ( $r = .29$ ,  $p < .05$ ) entre as variáveis *Percepção dos Efeitos da Separação na Criança* e a *Partilha de Tarefas Lúdicas*. Assim sendo, quanto maior é a partilha de tarefas lúdicas, entre os pais, maior é também a percepção materna acerca dos

efeitos que a separação terá na criança, quer a nível do desenvolvimento social como da autonomia (Tabela 2).

Existe também uma correlação positiva ( $r = .52, p < .01$ ) entre as variáveis *Divisão das Tarefas Práticas* e *Divisão das Tarefas Lúdicas*, ou seja, em casais onde há maior divisão de tarefas práticas há também maior divisão de tarefas lúdicas (Tabela 2).

Importa ainda referir que não se verifica qualquer correlação entre a *Partilha de Tarefas* (práticas e lúdicas) e a *Ansiedade de Separação Materna* (Tabela 2).

Tabela 3

Correlação entre as variáveis *Divisão de Tarefas* (práticas e lúdicas) e as variáveis demográficas

	<i>Divisão Tarefas Práticas</i>	<i>Divisão Tarefas Lúdicas</i>
Divisão Tarefas Práticas	-	.52
Divisão Tarefas Lúdicas	.52	-
Idade da criança	.03	.00
Idade da mãe	.22	-.09
Idade do pai	.22	-.12
Habilitações Literárias/ mãe	.17	.12
Habilitações Literárias/pai	.10	.27(*)
Idade entrada para creche	-.33	-.16

\*  $p < .05$

Por fim, correlacionando as variáveis *Divisão de Tarefas* (práticas e lúdicas) com as variáveis demográficas (*Idade da Criança, Idade da Mãe, Idade do Pai, Habilitações Literárias da Mãe, Habilitações Literárias do Pai e Idade da Criança na Entrada para a Creche*), verificou-se uma correlação negativa ( $r = -.33, p < .05$ ) entre as variáveis *Idade*

*da Criança na Entrada para a Creche e Divisão das Tarefas Práticas*, ou seja, quanto mais tardia é a entrada da criança para a creche (quanto mais elevada é a idade da criança) menor é a divisão das tarefas práticas entre os pais (Tabela 3).

Verifica-se, ainda, outra correlação, desta vez positiva ( $r = .27, p < .05$ ), entre as variáveis *Habilitações Literárias do Pai* e *Divisão das Tarefas Lúdicas*, ou seja, quanto mais elevadas são as *Habilitações Literárias do Pai*, maior é a participação deste nas tarefas de carácter lúdico (Tabela 3).

## DISCUSSÃO

Este trabalho pretende contribuir para o estudo da Ansiedade de Separação Materna, analisando factores que a poderão influenciar e quais as consequências da mesma ao nível da adaptação das crianças à creche.

Hock et al, (1989) definem a Ansiedade de Separação Materna como sendo um estado de desconforto emocional relacionado com a experiência de separação da criança sendo que este se pode manifestar através de expressões de preocupação, tristeza ou culpa. Bowlby, (1989) refere que as separações entre mãe-criança são sentidas de forma desagradável pelos dois elementos da díade, uma vez que a manutenção da proximidade é algo que é comum aos dois indivíduos e não somente à criança.

Segundo Lutz & Hock, (2001) níveis moderados de ansiedade de separação materna, representam um funcionamento psicológico saudável por parte das mães e tendem a contribuir para um menor desenvolvimento de relacionamentos disfuncionais.

Neste estudo ao considerarmos as variáveis *Ansiedade de Separação Materna*, *Segurança* e as variáveis demográficas (idade da mãe, habilitações literárias da mãe, número de horas que a criança passa na creche e idade em que entrou para a creche) pudemos verificar que não existem correlações entre elas.

Contudo, a Ansiedade de Separação Materna é uma dimensão única da personalidade materna que está também relacionada com alguns aspectos relativos ao emprego (vontade de se empregar, status profissional e aspirações de carreira).

DeMeis, McBride, & Hock, (1986), defendem que não é o trabalho materno que influencia negativamente o desenvolvimento da criança mas sim os sentimentos maternos face ao trabalho e as crenças acerca dos efeitos que a separação materna (motivada pelo trabalho) poderá ter na criança.

Stifter, Coulehan & Fish, (1993) referem que se a mãe acredita que apenas ela pode providenciar os cuidados necessários ao seu filho e acabar por se sentir culpada devido ao facto de se ter de afastar deste, então possivelmente optará por ficar em casa com o seu filho ao invés de ir trabalhar. Por outro lado se esta mesma mãe tiver de se empregar fora de casa, os seus sentimentos e crenças estarão em conflito com a sua condição de trabalho. Este conflito poderá influenciar o comportamento dela relativamente ao seu filho.

DeMeis, Hock & McBride, (1986), referem que mães que estão empregadas mas que preferiam ficar em casa, apresentam elevados níveis de ansiedade que se mantêm ao longo do primeiro ano de vida dos seus filhos.

Neste estudo foi confirmada esta relação. Conseguimos verificar uma correlação positiva entre as variáveis *Ansiedade de Separação Materna* e *Preocupação Acerca da Separação Provocada pelo Emprego*. Assim sendo, mães que apresentam maior *Ansiedade de Separação*, manifestam também maiores níveis de preocupação relativamente à causa desta separação, nomeadamente o facto desta ter como origem o emprego fora de casa. Conclui-se assim que de facto a forma como as mães percebem o facto de estarem empregadas e as consequências que esse aspecto terá nos filhos influencia os níveis de Ansiedade de Separação Materna manifestados.

Uma outra questão levantada neste estudo era qual seria a influência do envolvimento Paterno (no que se refere à partilha de tarefas Práticas e Lúdicas) nos níveis de Ansiedade de Separação Materna.

Os dados indicam que não existe qualquer influência entre estas duas variáveis, contudo mostram que algumas características parentais podem ter influência quer a nível da divisão das tarefas quer na percepção dos efeitos que as separações terão na criança.

Da literatura (Hipgrave, 1982; Levine, 1976; Russel, 1982, 1983 cit. por Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb & Baller, 1999) sabe-se que no período em que as crianças são recém-nascidas não existem diferenças, ao nível do desempenho de competências, entre mãe e pai. As competências parentais vão sendo adquiridas através da prática, por ambos os progenitores.

O envolvimento Paterno é multidimensional e está continuamente associado ao nível de escolaridade e ao envolvimento cultural.

Com este estudo é possível verificar uma correlação positiva entre as variáveis *Habilidades Literárias do Pai* e *Divisão das Tarefas Lúdicas*, ou seja, quanto mais elevadas são as *Habilidades Literárias do Pai*, maior é a participação deste nas tarefas de carácter lúdico, o que leva a concluir que o nível de escolaridade paterna tem grande influência na forma como é realizada a divisão de tarefas entre pai e mãe. Esta questão poderá ser justificada devido ao facto de pais com mais habilitações académicas possuírem maiores conhecimentos acerca dos

efeitos benéficos que a sua participação terá quer ao nível da relação parental quer no que se refere ao desenvolvimento dos filhos.

Por outro lado, pais que estão melhor remunerados tendem a passar menos tempo com os seus filhos (Levy-Shiff & Irraelashuili, 1988; Volling & Belsky, 1999, cit por Cabrera et. al, 1999), no entanto tendem a estar mais positivamente envolvidos com filhos do que pais com baixo nível socioeconómico (Eastbrooks & Goldberg, 1984 cit por Cabrera et. al, 1999).

Pais têm vindo a ser vistos como importantes companheiros (principalmente de brincadeira), potenciando o desenvolvimento, controlo e regulação emocional das crianças/filhos (Gottman, Katz, & Hooven, 1997 cit por Cabrera et. al, 1999). Com os dados deste estudo é possível verificar uma correlação entre a *Percepção dos Efeitos da Separação na Criança* e a *Partilha de Tarefas Lúdicas*. Assim sendo, quanto maior é a partilha de tarefas lúdicas, entre os pais, maior é também a percepção materna acerca dos efeitos benéficos que a separação terá na criança, quer a nível do desenvolvimento social como da autonomia. É possível que a mãe acabe por perceber mais favoravelmente que o facto da criança se relacionar quer com outras crianças quer com outros adultos a beneficiará ao nível da adaptação a diferentes contextos sociais e promoverá a sua autonomia futura.

O facto de os pais partilharem mais as tarefas de carácter lúdico parece não ter efeitos ao nível da Ansiedade de Separação Materna, mas influencia a forma como a mãe percebe os efeitos que a separação terá na criança.

Estes dados mostram também haver uma relação positiva entre a partilha de tarefas lúdicas e práticas, ou seja, em casais onde há maior divisão de tarefas lúdicas há também maior divisão de tarefas práticas. Este facto mostra que pais que no quotidiano partilham mais um tipo de tarefas, acabam também por partilhar o outro tipo.

Lamb, (1987) considera que os efeitos do envolvimento paterno pode, em muitos casos, estar mais relacionado com o contexto que envolve o pai do que com o envolvimento do pai isoladamente. Refere que o mais importante não é quem está em casa mas o como a pessoa se sente por estar em casa, pois os seus sentimentos acerca da situação influenciam a forma como se vai relacionar com a criança.

Verificou-se ainda uma correlação negativa entre as variáveis *Idade da Criança na Entrada para a Creche* e *Divisão das Tarefas Práticas*, ou seja, quanto mais tardia é a entrada da

criança para a creche (quanto mais elevada é a idade da criança) menor é a divisão das tarefas práticas entre os pais. Esta correlação pode ter uma explicação: O facto das crianças entrarem mais tarde para a creche pode dever-se a terem ficado em casa com a mãe (ou por que esta não se quis empregar enquanto a criança era muito pequena, ou porque está simplesmente em casa). Assim sendo pode estar relacionado com o emprego materno. Se for esta a explicação é possível que uma mãe, estando em casa, realize mais tarefas praticas que o pai (partindo do principio que este se encontra empregado e responsável pelo sustento económico da família), assim se justificaria a correlação negativa encontrada.

Da literatura sabe-se que crianças com níveis elevados de envolvência com os pais são caracterizadas como apresentando um elevado nível de competências cognitivas, ao nível da empatia, têm menos crenças a nível dos estereótipos relacionados ao sexo e tem mais auto-controlo (Pruett, 1983, Radin, 1982; Radin & Sagi, 1982; Sagi, 1982, cit. por Lamb, 1987), e que durante a idade escolar o envolvimento paterno (quer de pais solteiros quer em famílias com pais casados) está associado a uma boa aquisição escolar e ao gosto pela escola (por parte das crianças) (Nord, Brindall & West, 1997 cit por Cabrera et. al, 1999).

Assim sendo este estudo também contribui para salientar a importância que a participação paterna tem ao nível do desenvolvimento das crianças. Crianças cujos pais se envolvem mais, tendem a apresentar melhores desempenhos ao nível de diversas áreas do desenvolvimento quer cognitivo quer social.

É fundamental que os pais tomem consciência deste facto e que, conseqüentemente, se envolvam cada vez mais na vida dos seus filhos.

Seria interessante (em futuros estudos) verificar se há diferenças ao nível da motivação e das aquisições escolares em crianças filhas de pais com diferentes níveis de partilha de tarefas.

Poder-se-ia verificar também se num outro nível sócio económico existem diferenças ao nível da partilha parental.

Um outro aspecto que este estudo deixa em aberto é se as crianças que tem pais onde há maior partilha de tarefas se adaptam melhor, ou não, à creche. Seria interessante prosseguir com a análise desta questão.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bailey, W. T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology, 155*, 331-339.
- Barglow, p., Vaughn, B., & Molitar, N. (1987). Effects of maternal absence due to employment on the quality of infant-mother attachment in a low-risk sample. *Child Development, 58*, 945-954.
- Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project I: Stability and change in mother-infant and father-infant interactions in a family setting at one, three and nine months. *Child Development, 55*, 692-705.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1988). Nonmaternal care in the first year of life and security of infant-parent attachment. *Child Development, 59*, 157-167.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1989). The role of attachment in personality development and psychopathology. In S. Greenspan & G. Pollack (Eds.), *The course of life*. Vol. 1: *Infancy* (pp. 229-270). Madison Connecticut: International University Press.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Lamb, M. E., & Boller, K. (1999, August). *Measuring father involvement in the early Head Start evaluation: A multidimensional conceptualization*. Paper presented at the National Conference on health Statistics, Washington, D. C., EUA.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R.H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71* (1), 127-136.
- Correia, L., & Linhares, M. (2007). Ansiedade Materna nos períodos pré e pós – Natal: Revisão da Literatura. *Revista Latino-am Enfermagem, Vol. 15, nº 4*

- Dallaire, D., & Weinraub, M. (2005). Predicting children's separation anxiety at age 6: The contributions of infant-mother attachment security, maternal sensitivity and maternal separation anxiety. *Attachment & Human Development, Vol. 7, n° 4*, p 393-408
- DeMeis, D. K., Hock, E., & McBride, S. L. (1986). The balance of employment and motherhood: Longitudinal study of mothers' feelings about separation from their first-born infants. *Developmental Psychology, 22*, 627-632.
- Fincham, F. (1998). Child development and marital relations. *Child Development, 69*, 543-574.
- Gable, S., Belsky, J., & Crnic, K. (1992). Marriage, Parenting, and Child Development: Progress and Prospects. *Journal of Family Psychology, Vol. 5, No 3 & 4*, 276-294
- García, S., & Míguez, M. (2007). Labilidad emocional/afectividad negativa y regulación emocional en hijos de madres ansiosas. *Psicotherma, Vol. 19, n° 4*, p 627-633
- Graeff, F. (2007). Ansiedade, pânico e o eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. *Revista Brasileira de Psiquiatria, Vol 29 n° 1*, p 3-6
- Grossman, F. K., Pollack, W. S., & Golding, E. (1988). Fathers and children: Predicting the quality and quantity of fathering. *Developmental Psychology, 24 (1)* 82-91.
- Herzog, J. M., Goldberg, W. A., Michaels, B. Y., & Lamb, M. E. (1985). Husbands' and wives' adjustment to pregnancy and first parenthood. *Journal of Family Issues, 6*, 483-503.
- Hock, E., & DeMeis, D. (1990). Depression in Mother of Infants: The Role of Maternal Employment. *Developmental Psychology, Vol. 26, n° 2*, p 285-291
- Hock, E., McBride, S., & Gneza, M. (1989). Maternal Separation Anxiety:

Mother-Infant Separation from the Maternal Perspective. *Child Development*, 60, 793-802

Jacobson, J. L., Wille, D. E. (1984). Influence of attachment and separation experience on separation distress at 18 months. *Developmental Psychology*, Vol. 20 (3), p 477 - 484

Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent American father. In M.E. Lamb (Ed.) *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.3-26). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Lutz, W., & Hock, E. (2001). Maternal Separation Anxiety: Relations to Adult Attachment Representations in Mothers of Infants. *The Journal of Genetic Psychology*, Vol. 156, n° 1, p 57-72

Manassis, K. (2001). Child-parent relations: Attachment and anxiety disorders. In W.K. Silverman & P.D.A. Treffers (Eds.), *Anxiety disorders in children and adolescents* (pp. 255-272). New York: Cambridge University Press

McBride, S., & Belsky, J. (1988). Characteristics, Determinants, and Consequences of Maternal Separation Anxiety. *Developmental Psychology*, Vol. 24, n° 3, p 407-414

McLoyd, V. (1988). Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist*, 53, 185-204

Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.

Monteiro, L. (2007). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: A especificidade das relações criança/mãe e criança/pai - Tese de Doutoramento – Universidade Nova de Lisboa/ISPA, 2007.

Pestana, E., & Páscoa, A. (1998). Dicionário Breve de Psicologia. *Editorial Presença*

Posada, G., Goa, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., Sagi, A., Kondon-Ikemura, K., Haaland, W., & Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mother's preferences and experts concepts. In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 27-47.

Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A., & Lay, K. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-Sort correlates of adult attachment interview. In Waters, Vaughn, Posada & Kondon-Ikemura (Eds.), Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research, *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60 (2-3), 133-145.

Rohner, R. P. & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, 5 (4), 382-405.

Schubert, J. B., Bradley-Johnson, S., & Nuttal, J. (1980). Mother-infant communication and maternal employment. *Child Development*, 51, 246-249.

Stevenson-Hinde, J., Curley, J., Chicot, R., Jóhannsson, C. (2007). Anxiety within Families: Interrelations, Consistency, and Change. *Family Process*, Vol. 46, n° 4, p 543-556

Stifter, C., Coulehan, C., & Fish, M. (1993). Linking Employment to Attachment: The Mediating effects of Maternal Separation Anxiety and Interactive Behavior. *Child Development*, Vol. 64, p 1451-1460

Turner, S. M., Beidel, D. C., and Costello, A. (1987). Psychopathology in the

offspring of anxiety disorders patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55, 229-235

Veríssimo, M., Alves, S., Monteiro, L., Oliveira, C. (2003). Ansiedade de separação Materna e Adaptação Psicossocial ao Pré-escolar. *Psicologia, Saúde e Doenças*, Vol. IV nº 002, p 221-229

Warren, S., & Simmens, S. (2005). Predicting toddler anxiety/depressive symptoms: effects of caregiver sensitivity on temperamentally vulnerable children. *Infant Mental Health Journal*, Vol. 26, nº 1, p 40-55

Whaley, S.E., Pinto, A., & Sigman, M. (1999). Characterizing interaction between anxious mothers and their children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 67, 826–836.

Zahn-Waxler, C., Duggal, S., y Gruber, R. (2002). Parental psychopathology. En M.H. Bornstein (ed.): *Handbook of parenting*, vol. 4 (pp. 295-327). Mahwah, New Jersey: Erlbaum.